

## Transição energética e a nova agenda para os executivos financeiros<sup>1</sup>

Elvira Presta<sup>2</sup>

Mudanças climáticas têm provocado maior incidência de fenômenos extremos em diversas partes do globo. O noticiário está repleto de relatos de ondas de calor, incêndios florestais devastadores, enchentes, secas prolongadas e derretimento de geleiras, entre outros exemplos. Esses eventos, em geral, trazem graves consequências, como escassez de água, aumento de doenças, deslocamento populacional, quebra de safras e aumento da desigualdade econômica.

Não por acaso, a discussão sobre transição energética tem se intensificado, com um maior senso de urgência quanto à descarbonização da economia. Investidores e demais stakeholders têm demandado ações não apenas dos Governos, mas também das empresas. Há uma preocupação crescente com as metas que as companhias estão adotando para o compromisso “Net Zero”.

Pesquisa global conduzida pela Deloitte em 2023 com executivos C-level revelou que o assunto “Mudanças Climáticas” está entre os três focos prioritários da Alta Administração.

Reguladores também estão atentos ao tema. CVM, no Brasil, e SEC, nos Estados Unidos, já definiram requisitos de divulgação sobre informações ambientais, sociais e de governança corporativa (ASG). Espera-se um aumento das obrigações de divulgação e compliance nos próximos anos.

O executivo financeiro deve compreender como sua empresa pode participar dessa transição. O que sua organização emite de gases de efeito estufa? Que

---

<sup>1</sup> Artigo publicado no Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/esg/artigo/transicao-energetica-e-a-nova-agenda-para-os-executivos-financeiros.ghtml>. Acesso em: 04 de set. de 2023.

<sup>2</sup> Conselheira de Administração do Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças de São Paulo (IBEF-SP), vice-presidente Financeira e de Relações com Investidores da Eletrobras e Presidente do Conselho de Administração da Santo Antônio Energia.

fontes de energia sua empresa utiliza? Qual o grau de eficiência energética dos seus equipamentos e processos industriais? A que riscos reputacionais sua empresa está exposta por questões de poluição ambiental? Os clientes exigem compromissos de descarbonização da sua cadeia de produção?

E as perguntas não se esgotam aí: que oportunidades existem para aumentar a eficiência energética e contribuir para a proteção do meio-ambiente? Qual o grau de confiabilidade dos seus indicadores de sustentabilidade e como eles se relacionam com os indicadores financeiros? Que frameworks sua empresa adota? Qual o custo de projetos de transição energética? E os retornos desses investimentos?

Vejam que não são poucas as questões que precisam ser adequadamente tratadas. Alguns executivos financeiros podem se questionar se essa não seria uma atividade específica de sustentabilidade, fora do escopo de Finanças.

Entretanto, não há dúvida de que as áreas financeiras podem e devem contribuir para essa agenda. É necessário um olhar diferente para as oportunidades de criação de valor.

À medida que a agenda ASG ganha importância estratégica para as empresas, o CFO pode agir como um catalisador que se relaciona com múltiplos stakeholders: mercado financeiro, investidores institucionais, reguladores, bolsas de valores, acionistas, clientes e competidores.

Pela sua ampla rede de conexões, o executivo financeiro tem uma visão privilegiada das tendências e inovações em curso. Consegue ter um termômetro do que investidores, de dívida e de equity, estão buscando. Sabe quais são suas preocupações, que métricas querem acompanhar, que tipo de projetos desejam em seus portfólios e quais estão vetados para investimento. São informações relevantes para o planejamento estratégico das empresas e para sua comunicação com os distintos públicos de interesse.

De posse de um diagnóstico da sua própria empresa e conforme direção estratégica definida em conjunto com o Conselho de Administração e com a Diretoria Executiva, o CFO tem um papel relevante no processo decisório de avaliação dos investimentos de curto prazo x aqueles que visam preparar a empresa para oportunidades de longo prazo relacionadas à agenda de sustentabilidade.

Questões complexas precisam ser avaliadas para que a empresa decida a melhor alocação de capital. O leque de opções é amplo, incluindo investimentos greenfield, compra de ativos operacionais ou em fase de desenvolvimento, alienação de ativos desalinhados com a estratégia de carbono neutro e ainda investimentos em pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias sustentáveis.

Um dos assuntos mais discutidos atualmente na transição energética é o hidrogênio verde (H2V), visto como fator chave para que o Brasil lidere o caminho rumo à economia verde. O hidrogênio é um importante produto industrial, utilizado para o refino de petróleo, mineração e indústria siderúrgica, produção de fertilizantes, entre outros. Permite descarbonizar processos que não podem ser eletrificados. O H2V é um super eletrointensivo, sendo, portanto, necessário acesso a fontes renováveis com alto fator de carga, o que é uma das características da matriz elétrica brasileira. Estima-se que o mercado de hidrogênio de baixo carbono (H2V) será o principal vetor de crescimento da demanda elétrica no Brasil.

Como vimos, a transição energética é uma realidade. Os desafios da economia de baixo carbono estão postos. Empresas que almejam continuar relevantes para a sociedade precisam assumir as rédeas da transição para uma economia verde.

CFOs podem ser protagonistas nessa agenda corporativa, além de serem porta-vozes das suas organizações na divulgação de suas metas e projetos junto aos stakeholders. Podem liderar a avaliação de alocação de capital em distintos projetos, explorar as opções de financiamento disponíveis, bem como colaborar para desenvolver novas soluções sob medida para as crescentes demandas de investimentos sustentáveis. Há um chamado urgente para ações concretas e não há tempo a perder. O desafio está posto. Cabe agora aos executivos financeiros assumirem esse papel de liderança.